

Arnaldo Antunes. *Algo Antigo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. 156 p.

Neste ano ainda pandêmico, Arnaldo Antunes, em *Algo Antigo*, oferece ao leitor uma experiência poética única, necessária e intensa. Em tempos em que é crucial parar, difícil respirar, talvez improvável compreender a amplitude das perdas, a poesia vem potencializar a vida em suas distintas dimensões. São muitos “algos” e outros tantos “antigos”, acompanhando um tempo migrante que desliza pelas dimensões histórica, mítica, psicológica da poesia e da existência, sentindo o poeta “[...] saudades do que viveram/ aqueles com quem convivi/ não do que vi, do que viram/ não do que ouvi, do que ouviram/ do que sonharam, sentiram/ as pessoas que perdi”¹ (p. 27).

A leitura dos poemas sugere o tempo como *Leitmotiv* da obra, traduzido não apenas como tema, mas também desdobrado na edificação da temporalidade estética. Ele dialoga com a poética concretista que substituiu a lógica linear do verso por outras possibilidades de grafia e de leitura, compondo poemas que podem ser lidos a partir de diferentes perspectivas espaciais, transformando a palavra em imagem e a imagem em palavra. Entre tantos traços da singularidade da obra está a opção pela grafia em letras minúsculas dos títulos dos poemas, substantivando genericamente as produções como uma espécie de dessacralização da poesia.

Estruturalmente, ao longo dos noventa e sete poemas do livro, Antunes constrói uma poesia alinhada ao projeto estético que vem desenvolvendo ao longo de sua carreira. Explora as potencialidades dos signos linguísticos em termos gráficos, sonoros, imagéticos, tipográficos, proporcionando corpo e movimento às cenas verbais, incluindo a fotografia e o espaço da página, todos como elementos de composição

¹ Todas as citações referentes aos poemas foram retiradas de ANTUNES, Arnaldo. *Algo antigo*. Companhia das Letras. Edição do Kindle.

poética. Esses recursos dão vida a uma poesia gerada para ver, olhar, ler, escutar, falar e que reivindica uma ação, convida o leitor a interagir esteticamente com os poemas e habitar a musicalidade dos universos singulares que o poeta concebe.

Octavio Paz (1991) confere ao poeta o poder de dizer o que diz o tempo, mesmo quando o contradiz, desdobrando a imagem do mundo na ideia do tempo desdobrado na poesia. Assim, falar em tradição poética e sua relação com o tempo é presentificar as temporalidades poéticas arroladas nele. A poesia, como outras produções artístico-culturais, encerra em si todo o antes, o durante e o agora na rede de interfaces que constituem e constituíram os processos de criação. Sob esse ângulo, Antunes engaja sua criação à tradição poética inscrita em poemas como *focar*, *liquidação*, *saga*, *mãe água*, *NO* (este último dedicado a Augusto de Campos).

Nos passos e espaços do poeta estão tatuados outros tantos poetas como Haroldo de Campos, Décio Pignatari, Ronaldo Azeredo, precursores da Poesia Concreta. Da mesma forma está Martin Codax quando recupera, por exemplo, expressões como “trovador”, “mar de vigo”, no poema *a l(anti)go*, aludindo à lírica medieval galego-portuguesa, ou ainda a (anti)poesia de Alberto Caieiro em *caierismo*.

O tempo como temática transmuda-se em pluralidades semânticas que levam o leitor a distintos patamares de reflexão sobre o seu significado. Não um tempo pregresso ou ulterior, mas um tempo interior, que está além das marcações de uma “clepsidra”, ou qualquer outra invenção mais moderna para contá-lo. É um tempo onipresente, onisciente e onipotente. Instaurado, Chronos na poesia, mesmo quando na periferia do tema, o deus insiste em se impor “um deus efêmero/ um deus com sexo/ um deus com gênero/ e que envelhece/ um deus com fim/ um deus assim/ merece prece” (p. 113).

O tempo acompanha o eu-poético por outras temáticas, encaminhando-se pelo âmago do sexo em *dentro dela*, do amor em *se não for amor*, do cotidiano, da loucura, dos (des)limites da existência humana em *saga*. O olhar do poeta não é de fora para dentro, ou de dentro para fora; é de dentro para dentro, mais fundo ainda, mergulhado na insana (des)esperança do ofício de seguir e saber-se impotente “aqui jaz/ o presente/ eterno porque eterna/ mente/ fugaz” (p. 15). O poeta torna-se passageiro, condutor, veículo das metamorfoses do tempo. Em ritmo acelerado, no mais humano e

contraditório discurso, rejeita e aceita a percepção movente de si nas dimensões do tempo e desencadeia uma complexa e paradoxal experiência poética.

Cabe ressaltar que desde o título da obra instala-se o tom e a atmosfera que vão inquietar os poemas. A pluralidade de sentidos se estabelece a começar pela própria imprecisão do termo “algo” que pode denotar o sentido de uma coisa qualquer, ou de uma indeterminação, uma vaguidade, ou de uma dose pequena, ínfima, um pouco de um elemento, objeto, sentimento. A ambiguidade se amplia na adjetivação de “algo” pela palavra “antigo” que pode indicar um sentido de antiguidade, por isso de grande valor, ou, pelo contrário, de mínimo ou nenhum valor, porque obsoleto, ultrapassado. Ainda é possível evocar um passado longínquo, distanciado, isolado, remoto, “[...] algo em ocaso/ parnasos/ utensílio em desuso/ relíquia ou ruína/” (p. 9).

Chama a atenção a intrínseca relação semântica entre o primeiro e o último poema da obra com seu título, sugerindo uma ideia de circularidade, como o *moto continuum* da vida a se fazer e desfazer infinitamente. O poema de abertura é *al(anti)go*, o qual elenca uma série de elementos, sentimentos, sensações que ecoam em diferentes épocas, criando uma espécie de percurso de rememoração que termina na evocação de um drama ambiental à espreita da humanidade: “carteiro, cheiro/ de naftalina/ ranço/ cansaço/ pó/ talco/ [...] algo antigo/ evocado/ ao olvido/ alfabeto de Gutenberg/ derretido iceberg” (p. 9). A cisão nas palavras “antigo” e “algo” incide ainda mais na pluralidade de sentidos emergentes dessa desconstrução, impulsionando o leitor a pensar nas possibilidades contraditórias implícitas na relação tempo/vida/morte.

O último poema é *revidavolta* que inicia com “algo antigo/ ido/ sido/ outrora/ acontecido/ já/ quase/ esquecido/ agora/ fora/ de moda/ ou de modo/ subjuntivo/ traço/ do que/ houve/ no passado/ ultra/ passado” [...], finalizando com “algo/ que já era/ (embora/vivo) / para ser/ (agora)/ um livro.” (p. 155). Nele, cada verso se torna eco a repetir peremptoriamente sua consciência do tempo, e os sentimentos antitéticos em relação à sua inevitável passagem são sublimados na e pela criação poética.

O tratamento estético que o poeta dá aos seus poemas instaura uma contundente força metafórica, calcada na ambiguidade trabalhada sob diferentes roupagens. Surge ora pela ocultação dos nexos, pelo encadeamento inusitado dos signos, ora pelos jogos

simbólicos de tonalidades que amplificam as possibilidades de produção de sentido. O poema *devagar* exemplifica bem essa questão. Nele o eu-poético vagarosamente é consumido pelo sombreamento a que o poema pouco a pouco vai sendo submetido. A perda lenta da nitidez das palavras cria uma atmosfera de aflição, uma espécie de devastação, de anulamento, de apagamento que avança à medida que as ações vão se sobrepondo. Uma alegoria do fim de si mesmo, do ocaso do mundo, da extinção da vida: “devagar/ divago/ de lembrar/ alumbro/ de vazar/ deságua/ de falar/ afundo/ de caber/acabo/ de inundar/ o mundo” (p. 97).

A crítica social é outro aspecto muito relevante a considerar. Poeta de seu tempo, Antunes faz um recorte altamente preciso de problemas capitais – não no sentido apenas de fundamental, mas também como deflagrador de um capitalismo, no mínimo, desumano do século XXI. Evidencia, por exemplo, no tema da violência urbana, a luta pela sobrevivência na qual “por qualquer preço/ até de graça/ se mata/ por medo, pavor/ por costume/ por não conseguir/ se conter” [...] (p. 90).

Esse inconformismo com a aniquilação do indivíduo, da vida, da dignidade encontra vazão no poema visual *a fome* que denuncia a problemática cruel da batalha para suprir uma das necessidades mais básicas do ser humano. A escritura do poema calcada em torno do verso “a fome me comeu” (p. 60) é realizada pelo processo de sobreposição das letras, das sílabas, das palavras num jogo de perspectiva, contrastando as cores cinza e preto. O poema é escrito em caixa alta, negrito, sugerindo um brado angustiado. A sobreposição criada denota a ilusão de movimento e a sensação de que as letras ao mesmo tempo que buscam um espaço devoram umas às outras. Os elementos composicionais tornam o poema lacônico, pesado, uma síntese que deflagra um sério problema social, que desemboca na perda da sanidade e da alma humanas. Esse poema, de uma certa forma, remete ao emblemático poema de Manuel Bandeira, *O Bicho*, pelo modo conciso e cirúrgico que expressa a degradação do ser humano.

O discurso poético de Antunes tem algo de teatral, performático, algo de constatação e contestação, algo de angústia e indignação no modo como o justapõe ou quebra as palavras, na (des)pontuação dos versos, na forma como organiza a cadência, o ritmo, gerando uma musicalidade inusitada, na verbalização da imagem, nos enjambements imprevistos, nos desenhos, riscos e traços. Esses e outros recursos

combinados com a palavra sobre a tela ou as páginas impressas engendram uma obra que coloca em interface as três modalidades de poesia concebidas por Ezra Pound: melopeia, fanopeia e logopeia. Contudo, indo um pouco além, é possível considerar que não são apenas os recursos que dialogam com Pound. Na sua poesia, Arnaldo Antunes atualiza o sentimento anticapitalista de Pound, das primeiras décadas do século XX. Em uma de suas célebres declarações, Pound ergueu-se contra “uma sociedade capitalista que, no último estado de sua podridão, sempre considerou como merda a percepção inteligente ou as capacidades literárias.” (*apud* Grünewald, 2002:15). Parece que em pleno século XXI, bipolarizado politicamente e pandêmico, isso faz todo o sentido e a poesia cumpre - entre tantos - um dos seus papéis na sociedade.

Arnaldo Antunes nasceu em São Paulo, em 1960. É compositor, poeta, artista visual, performer, cantor. Em 1983 publica seu primeiro livro de poesia e desde então entre composições de músicas, livros de poesia, instalações e interferências poéticas performáticas é um artista, cantor e poeta de grande sucesso. Entre 1982 a 1992 integrou a banda Titãs e mais adiante, em 2002, o grupo Tribalistas. Em 1993, recebeu o prêmio Jabuti de Poesia com o livro de poesia *AS COISAS*. Suas produções artísticas na música, na poesia, em vídeos, em performances lhe valeram várias premiações nacionais e internacionais, entre elas a indicação ao Grammy Latino em 2003 e a indicação com o livro *n.d.a.* ao Prêmio Jabuti de Poesia de 2011.

Suzana Pagot

Doutora em Letras/Literatura Brasileira